

**“COMO É QUE SE ESCRIBE MESMO?” – AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO NAS CONVERSAS DE PORTAS DE RUA EM TERESINA-PI**

Maria do Espírito Santo Guimarães LESSA LUZ (Universidade Federal do Piauí)

**RESUMO:** Este trabalho tem caráter socioetnográfico e consiste em apontar o que é possível verificar de uso dos conhecimentos em língua materna, adquiridos em sala de aula, nas práticas de letramentos desenvolvidas nas conversas de portas de rua. O seu objetivo é descrever os eventos de letramentos ocorridos nesse modo de interação social, identificando o grau de relevância dos conhecimentos adquiridos quanto ao uso da língua materna nas atividades que envolvem o uso da escrita. O *corpus* desta pesquisa constitui-se de dois grupos: um de onze adultos entre 35 e 50 anos e outro de dezessete jovens entre 15 e 25 anos. Na caracterização dos eventos, foram observadas elaborações de bilhetes e cartas em conjunto, de convites, leitura coletiva de manuais de instruções, de contas de prestação de serviços, entre outros elementos que constituem as atividades de letramento executadas pelos sujeitos da pesquisa, independentemente do grau de escolaridade dos informantes.

**PALAVRAS-CHAVES:** Portas de rua. Letramento. Escrita.

**1. Introdução**

Este trabalho surgiu de um recorte da pesquisa de mestrado, com caráter socioetnográfico, que consiste em descrever os processos interacionais nos eventos de oralidade e de letramentos de grupos de pessoas que conversam nas portas de suas casas, na cidade de Teresina – Piauí.

O norteamento para a composição da pesquisa aqui apresentada deu-se a partir da seguinte indagação: o que é possível verificar de uso dos conhecimentos em língua materna, adquiridos em sala de aula, nas práticas de letramentos desenvolvidas nas conversas de portas de rua?

Partindo-se dessa problematização, o objetivo almejado é descrever os eventos de letramentos ocorridos durante as conversas de portas de rua, identificando o grau de relevância dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, no que diz respeito ao uso da língua materna nas atividades que envolvem o uso da escrita.

Para conseguir-se êxito nos objetivos traçados era necessário utilizar-se de uma metodologia de pesquisa que correspondesse de forma eficaz na busca por resultados reais, isto é, que não fossem prejudicados e/ou inibidos pela presença do pesquisador. Optou-se, então, em fazer uma análise microetnográfica, sugerida por Erickson (1990), averiguando a estrutura comunicativa de acordo com a perspectiva teórico-metodológica da etnografia da comunicação, proposta por Hymes (1974) e complementada por Gumperz (1975), que consiste na observação, na análise e na descrição de registros, através de conversa informal e de materiais escritos coletados.

Em seguida, foram coletadas as amostras e selecionado o *corpus*, que foi dividido em dois grupos de moradores da periferia de Teresina, de diferentes faixas-etárias: o 1º grupo é formado por sete senhores da zona sul (dois maranhenses e cinco teresinenses) e quatro

senhores da zona norte (um cearense e três teresinenses), totalizando onze pessoas entre 35 e 50 anos. Todos, moradores da cidade de Teresina há mais de quinze anos, e não tiveram contato com outra localidade há mais de cinco anos. O 2º grupo é formado por onze jovens da zona sul (dois paraenses, um maranhense e oito teresinenses) e cinco da zona norte (dois maranhenses e três teresinenses) entre 15 e 25 anos, totalizando dezessete pessoas. Todos moram na capital piauiense há mais de dez anos e tiveram pouco contato, ou contato em um curto período de duração com outra localidade há mais de dois anos. Ambos os grupos reúnem-se diariamente nas portas de suas casas, dispostos, geralmente, cada grupo em uma extremidade da rua.

O período de coleta das amostras foi de 27 de agosto a 27 de dezembro de 2008, de 05 de abril a 24 de julho de 2009 e de 22 de março a 17 de agosto, uma a duas vezes por semana, com exceção dos dias de chuva, dias de participação em eventos, datas comemorativas, férias entre outras eventualidades das mais diversas razões. Os procedimentos de abordagem foram: a conversa informal, a observação, a descrição e a análise dos dados registrados e dos materiais coletados, auxiliados pelos seguintes instrumentos: aparelho de gravação MP7 em formato wav; máquina fotográfica embutida em aparelho MP7; caderno de anotações e espectrograma computadorizado.

## 2. Referencial Teórico

*A priori*, faz-se a necessidade de apresentar conceitos acerca das questões que direcionam o trabalho.

A partir das ideias de Marcuschi (2007, p. 21), que concebe letramentos como um conjunto de práticas que constituem "um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários", foi possível observar o influente papel da fala e da escrita na sociedade, em contextos cotidianos básicos, manifestados pela compreensão e pela interação que eles envolvem.

Outro conceito que se faz imprescindível é o conceito da etnografia da comunicação, definido por Saville-Troike *apud* Lima (1996, p. 56), que é a ampliação do campo de investigação da fala, a fim de abranger aspectos da comunicação e outros sistemas que a compõem, garantindo situações reais de interação social através de amostras coletadas durante o cotidiano básico a que são expostos todos os dias.

Para coletarem-se essas amostras, é importante caracterizar o estilo de monitoração que prevaleceu na pesquisa. A caracterização dos estilos corresponde à monitoração, que consiste em:

“um processo que demanda maior atenção e planejamento. [...] o falante, diante de um interlocutor desconhecido, de maior poder na hierarquia social ou a quem ele precisa ou deseja impressionar, sente-se na obrigação de usar um estilo mais cuidado. Para obter este efeito, necessita prestar mais atenção à forma de sua produção verbal.” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 41)

Quanto mais natural for o estilo, quanto mais espontânea for a fala, mais aproximada será da situação real em que se encontram inseridos os sujeitos da pesquisa. O

estilo mantido nas conversas de portas de rua foi o de monitoramento mínimo, garantindo a apreciação da fala casual que, conseqüentemente, implica o uso de estilo menos monitorado no que se refere às atividades que envolvem a linguagem como por exemplo, a escrita.

### **3 Resultados e discussão**

Na caracterização dos eventos de letramentos dos grupos de pessoas que conversam nas portas de suas casas, foram observadas várias atividades que envolvem o uso da escrita, como elaboração e leitura de bilhetes, de cartas em conjunto, de convites, leitura coletiva de manuais de instruções, de contas de prestação de serviços, de abaixo-assinados entre outros elementos que constituem as atividades de letramento executadas pelos sujeitos da pesquisa, independentemente do grau de escolaridade dos informantes.

Delimitou-se a apresentar, o processo de leitura e elaboração de bilhetes e convites, categorizados como uso sociointeracional (LOPES, 2006) por ser mais favorável a esta explanação nos eventos de letramentos.

Primeiramente, serão apresentados alguns exemplos de bilhetes e convites que foram distribuídos a alguns moradores daquela rua, caracterizado como leitura coletiva desses textos. Em seguida, serão expostos textos do mesmo gênero, porém elaborados pelos sujeitos da pesquisa.

#### **3.1 Leitura de convites**

As primeiras curiosidades a surgirem acerca da leitura coletiva de convites dizem respeito à concepção da função social que o gênero possui. O objetivo de um convite de aniversário, por exemplo, é convidar um destinatário a se fazer presente na festa, informando-lhe a data, o horário e o local em que acontecerá o determinado evento.

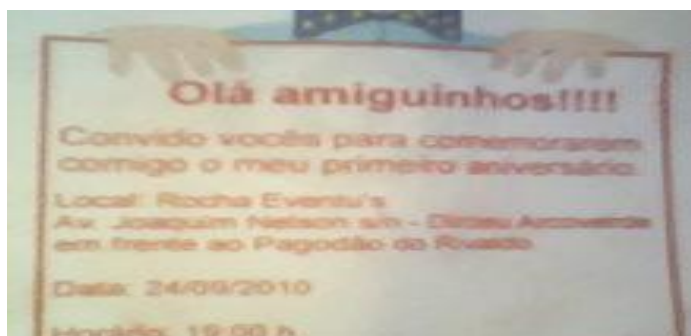
A seguir, tem-se um exemplo de convite de aniversário infantil (Foto 01), que foi distribuído por uma senhora, sujeito da pesquisa, a alguns moradores da zona sul, também sujeitos da pesquisa. O convite traz um breve texto que introduz a função de convidar o destinatário a marcar presença em sua festa, com linguagem infantil e subjetiva. A seguir, informa a data, a hora e o local. Quanto à data, há um erro de digitação relacionado ao ano vigente, na época, era 2008, e no convite constava 2004. A maioria dos sujeitos interrogados não atentou ao fato de o ano explanado no convite não corresponder ao ano em curso, pois simplesmente detiveram seus olhares à data (dia e mês) e ao local do evento e, após serem alertados do erro, comportaram-se como leitores-colaboradores, inferindo a informação de que o convite se tratava do corrente ano. Outro fato curioso que se pode observar é que não há referência alguma que possa auxiliar a localização. Interrogando a autora do convite, ela disse que não haveria necessidade de acrescentar a informação de ponto de referência, pois havia convidado apenas pessoas que moram próximo e que sabem onde fica o local do evento.



**Foto 01 – Convite de festa de aniversário infantil 1**

Fonte: Elaboração da autora, Teresina, 2008

O convite ilustrado na Foto 02, a seguir, possui um título com chamamento, que funciona como saudação e texto infantil mais objetivo. Além de informar o endereço do local da festa, a data e o horário em que ela ocorrerá, o convite informa o ponto de referência do local do evento, supondo que seus convidados precisem desta informação para não correr o risco de errarem o endereço. Neste caso, esse convite foi recebido por uma família informante desta pesquisa, que moram na zona sul, cujo remetente foram parentes que moram na zona sudeste, região do Grande Dirceu. De acordo com uma informante, a informação dessa referência é suficiente para saber o endereço do referido local.



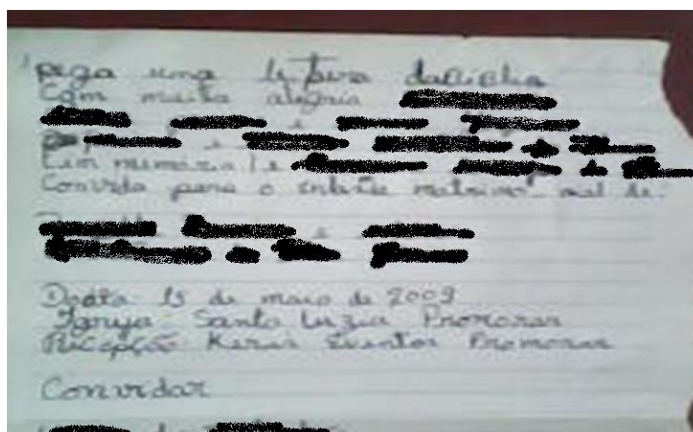
**Foto 02 – Convite de festa de aniversário infantil 2**

Fonte: Elaboração da autora, Teresina, 2010

### 3.2 Elaboração de convites

No que diz respeito à elaboração de convites, os informantes demonstram conhecer a estrutura de um convite, apresentando neste as informações que acredita ser primordial para a execução da função desse gênero.

Observam-se, na Foto 03, os rascunhos da elaboração de um convite de casamento. Identificam-se, primeiramente, as informações que a autora julga ser necessária constar em um convite de casamento. No início, a autora acredita que um convite de casamento precisa de uma leitura da Bíblia, e dá continuidade ao texto, acrescentando os nomes dos pais dos noivos como anfitriões. Um dos pais é falecido, e a autora viu a necessidade de acrescentar, em parênteses a informação “*in memória*”, na tentativa de adequar-se à expressão latina “*in memoriam*”, utilizada para referir-se a um ente falecido. Em seguida, a autora do convite acrescenta o nome dos noivos numa posição central do convite. A seguir, informa a data, a igreja e o local em que ocorrerá a recepção dos convidados. Observa-se que, neste convite, não há menção ao endereço ou ponto de referência dos locais informados. Interrogada acerca de tal questão, a autora alega não precisar informar o endereço porque todos os seus convidados sabem onde ficam os locais citados. No mesmo rascunho, aparece uma lista com os nomes dos convidados.



**Foto 03 – Elaboração de convite de casamento**

Fonte: Elaboração da autora, Teresina, 2009

"Pega uma leitura da BiBlia

Com muita alegria F. A. P. e M. J. P., e A. C. S. (im memória) e C. A. S. convida para o enla(m)sse matrimo-nial de: R. P. e A. C. S. J.

Doata: 15 de maio de 2009

Igreja: Santa Luzia Promorar

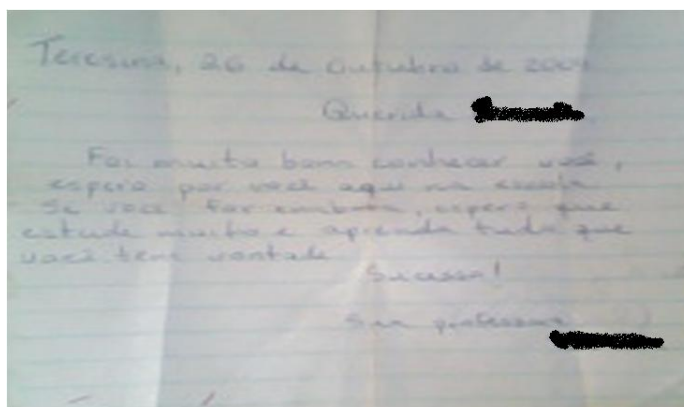
Recepção: Keru's Eventos Promorar

Convidar

L. da Z. [...]”. (Informante 3, Teresina, 2009)

### 3.3 Leitura de bilhetes

Quanto à leitura de bilhetes, observamos um leitor atento a todas as informações que constam no texto, o papel de leitor-colaborador permanece na leitura deste gênero. O bilhete, a seguir, é uma recordação de uma informante, dos tempos em que frequentava a escola e teve de voltar para o interior. O contexto em que esse bilhete é recebido traz consigo toda uma carga emocional, que o faz adquirir uma função a mais, além de informar: a função de recordar.



**Foto 04 – Leitura de bilhete 1**

Fonte: Elaboração da autora, Teresina, 2009

"Teresina, 26 de outubro de 2004.

Querida P.,

Foi muito bom conhecer você, espero por você aqui na escola. Se você for embora, espero que estude muito e aprenda tudo que você tem vontade.

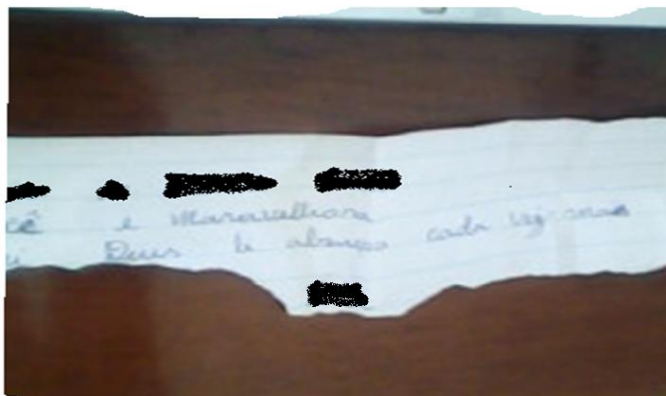
Sucesso!

Sua professora

R."(Informante 4, Teresina, 2008)

O bilhete seguinte, apesar de não se conhecer a autora, pode-se inferir que o seu grau de escolaridade não lhe permite escrever na forma padrão, apesar disso, ela possui

noções acerca da estrutura do gênero ao escrever a data à margem esquerda do bilhete, o nome da destinatária centralizado e, em seguida, a mensagem. Por fim, seu próprio nome em posição central. O destinatário comportou-se como leitor-colaborador, apesar de ler o bilhete em voz alta com tom de ironia.



**Foto 05 – Leitura de bilhete 2**

Fonte: Elaboração da autora, Teresina, 2009

"M. S. S.

Você e maravilhosa

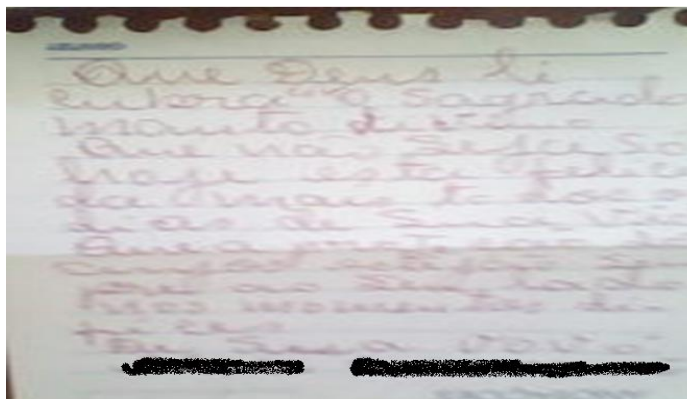
qui Deus li abençoa cada ve(i)z ma(i)s

Z" (Informante 5, Teresina, 2009)

### 3.4 Elaboração de bilhetes

No que diz respeito à elaboração de bilhetes, os informantes demonstram certo conhecimento e preocupação com a forma padrão, independentemente do grau de escolaridade. Para os sujeitos da pesquisa, a estrutura do gênero bilhete é algo secundário. A informação que o bilhete contém é o item principal e autossuficiente nesse gênero. No próximo exemplo, não há preocupação com a estrutura: data, nome do destinatário. A função limita-se apenas à mensagem.





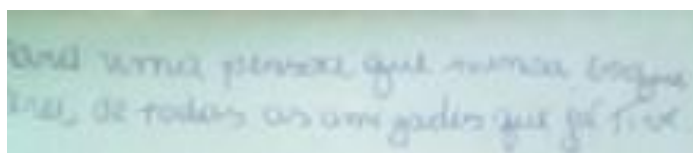
**Foto 06 – Leitura de bilhete 3**

Fonte: Elaboração da autora, Teresina, 2010

"[...] Que Deus li cubra (com) o sagrado manto (v)divino que não seja só hoje esta felicidade mais todos os dias de sua vida Que a proteção dos anjos estejam sempre ao seu lado nos momentos difíceis

De sua vovó A. G". (Informante 6, Teresina, 2010)

O Bilhete 4 não possui data, ou destinatário, apenas a mensagem, uma saudação final e o nome da remetente. Há preocupação com a linguagem padrão, pode-se afirmar que a autora do bilhete possui grau de escolaridade médio.



**Foto 07 – Leitura de bilhete 4**

Fonte: Elaboração da autora, Teresina, 2010

"... Para uma pessoa que jamais esquecerei, de todas as amigas que já tive.

Beijos

S."(Informante 7, Teresina, 2010)



Por caracterizar-se em fase processual, é válido lembrar que a investigação desta pesquisa nos eventos de oralidade e de letramento continua.

Na leitura e na elaboração de convites, os sujeitos da pesquisa tiveram atitude de leitor-colaborador, inferindo informações implícitas no texto, e observando, apenas, informações que julgam ser necessárias para que o texto atinja sua função informativa.

Na leitura e na elaboração de bilhetes, os sujeitos da pesquisa demonstraram preocupação com as noções gramaticais adquiridas em sala de aula (ortografia, concordância, pontuação), dando um valor secundário aos elementos que compõem cada gênero.

### Referências

- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.p.39-53.
- COSTA, Catarina de Sena S. M. da. *Aspectos sociais da linguagem na educação: a oralidade e a escrita*. **Revista do mestrado em educação: linguagens, escola e sociedade**. Teresina: v.1, n.1, p. 47-68. 1996.
- COSTA, Catarina de Sena S. M. da. *Fonética e Fonologia no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa*. In: \_\_\_\_\_ (Org.) **Linguística e ensino de Língua Portuguesa: sensibilidade cultural e interação didático-pedagógica**. Teresina: EDUFPI, 2000. p. 19-70.
- ERICKSON, F. **Qualitative methods, research in teaching and learning**. vol. 2. New York: Macmillan Publishing Company, 1990.
- HYMES, D. **Foundations in Sociolinguistics**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.
- LIMA, M. G. S. I. A. **Os usos cotidianos de escrita e as implicações educacionais: uma etnografia**. Teresina: EDUFPI, 1996. p. 56-59..
- LOPES, I. A. **Cenas de letramentos sociais**. Recife: PPGL-UFPE, 2006. p.193-215.